

Apresentação

Segundo a ONU, exatamente no dia 23 de maio de 2007, conforme cálculos estatísticos desenvolvidos por especialistas, o planeta Terra passava a ser, eminentemente, um planeta urbano. Pela primeira vez na história a sua população urbana ultrapassava a rural. Em países como o Brasil isso já havia ocorrido em meados do século XX. Hoje, cerca de 80% dos brasileiros vivem em cidades. No caso da Inglaterra, país que deu início à Revolução Industrial, tal fenômeno seria constatado já no século XIX. O certo é que o chamado *fenômeno urbano*, significando uma crescente e cada vez mais acelerada expansão das cidades, é um acontecimento exclusivo e dos mais marcantes da época moderna. Se o mundo antigo chegou a abrigar, com Roma, populações da ordem de 1 milhão de habitantes, por muito tempo a história das comunidades humanas não acusaria outra escala para as suas cidades, mesmo as maiores. Tudo começa a mudar, como se sabe, no século XIX, inicialmente com Paris e Londres. Essa última, ao findar o século, já havia ultrapassado em muito essa escala, chegando a 4 milhões de habitantes. Outras, além de Paris, seguiam seus passos, e não apenas na Europa. As Américas passavam a contar também com grandes concentrações urbanas, em especial Nova Iorque e Buenos Aires, que rivalizavam com novas metrópoles européias como Berlim, Viena e Madrid.

De lá prá cá, como é sabido também, grandes concentrações urbanas não pararam de se multiplicar, e agora por todos os continentes. Mas não só cresceu o número das metrópoles, mas tais metrópoles foram se tornando cada vez maiores. Pouco além da metade do século XX já se começava a falar, para dar conta do fenômeno, de *conurbações* urbanas. O termo queria significar que as maiores cidades já avançavam sobre os territórios vizinhos, incorporando municípios que com elas faziam fronteira. Na prática do dia-a-dia, as pessoas cruzavam de um município a outro sem perceber, tudo passando a ser uma só e imensa cidade. Paralelo a isso, aquelas pioneiras metrópoles européias deixavam rapidamente de serem as maiores cidades do mundo, e cediam o lugar a outras do então chamado Terceiro Mundo, como a Cidade do México e São Paulo, por exemplo.

Mas principalmente para o Oriente é que o fenômeno se expandia, e, em determinado momento do século XX, Tóquio passou a ser a maior concentração urbana do planeta. Nessa altura não cabia mais falar-se em metrópole, simplesmente, tornando-se necessárias expressões como megalópole. Tóquio já não era somente Tóquio, mas Tóquio e dezenas de outras cidades a seu redor, que haviam sido literalmente engolidas por ela. Processo semelhante ia ocorrendo em Los Angeles, Moscou, Rio de Janeiro e tantas outras cidades do mundo,

incluídas aí as maiores da África, como Lagos, capital da Nigéria. E, principalmente no final do século XX, cresce sem parar o número de grandes cidades, em especial, como referido acima, no território asiático. A partir de então, para países como Japão, China, Índia e Coreia do Sul, a escala de Londres do início do mesmo século – aqueles 4 milhões de habitantes – ficava cada vez mais passível de ser aplicada ao que se poderia chamar – se a questão passasse a ser estritamente numérica – de cidades asiáticas de porte médio. Isso porque várias regiões metropolitanas daquele continente estavam computando populações na ordem de 20, 25, 30 milhões de habitantes. Tóquio, agora chamada de Tóquio-Yokohama, detém hoje a impressionante marca de 32.450.000 de viventes.

Enfim, pode-se perceber, de modo claro, que ao final do século XX estávamos entrando numa outra escala no que diz respeito a concentrações urbanas. De fato, desde a Londres e a Paris do século XIX até as atuais megacidades orientais, muita água rolou por baixo da ponte, como se diz na gíria. E o *fenômeno urbano* tornou-se extraordinária e dramaticamente complexo. Há muito que deixamos de ter aquele esquema simples e binário que dividia as grandes metrópoles em centrais e periféricas. Os constantes e crescentes deslocamentos de massas humanas pelas mais variadas partes do mundo, induzidos pelos também crescentes e mais rápidos fluxos de capitais foram mudando drasticamente esse quadro. Cada vez fica mais difícil se falar de Nova Iorque ou Paris como “centro” e São Paulo e Buenos Aires como “periferia”, por exemplo. Os Jardins e o *Barrio Norte* não podem ser mais “centro” do que são, do ponto de vista estritamente urbano e globalizado de hoje. Por outro lado, bairros degradados, em total decadência, como se constata em algumas cidades do “império americano” como Detroit, por exemplo – para não falar das suas duas maiores concentrações urbanas, Los Angeles e Nova Iorque –, ou a cada vez mais explosiva periferia de Paris, os chamados *banlieues*, para citarmos um exemplo europeu, constituem a expressão cabal do que seja viver numa “periferia”.

Tudo o que foi dito até aqui deve servir apenas como uma espécie de emboadura para os 14 artigos que compõem esse número temático que busca refletir sobre as literaturas urbanas a partir do viés proposto por nós. Viés que solicitava pensar o “centro” e a “periferia” como fenômenos tanto internos quanto externos aos territórios escolhidos. Claro que a cada um de seus autores caberia escolher a sua cartografia própria, a sua acentuação específica. E foi o que ocorreu. Daí a diversidade e riqueza das abordagens aqui reunidas, assim como também a expressão das ambiguidades e contradições, que nada mais são do que ambiguidades e contradições do próprio processo de modernização a que estamos, já secularmente, sujeitos. Por tudo isso, gostaria aqui de agradecer a todos os investigadores que responderam à nossa chamada enviando seus trabalhos. Eles constituem, sem dúvida, uma significativa amostra do que vem sendo pensado a respeito no país, ao mesmo tempo que sugerem uma certa cartografia no que diz respeito àquelas instituições universitárias que, a princípio, mais parecem interessadas no tema proposto.

O editor.